

ORGANIZADORES

Cláudia Peixoto de Moura

Fernando Ferreira de Almeida

Genio Nascimento

Robson Bastos da Silva

FÓRUM ENSICOM
fontes e ações para o
ensino de comunicação
no Brasil
EDIÇÃO ESPECIAL

1ª edição

São Paulo, 2023



INTERCOM

Fórum Ensicom: fontes e ações para o ensino de comunicação no Brasil - edição especial | 1ª edição

© Intercom

Projeto gráfico, diagramação e capa
Gênio Editorial

Revisão
Cláudia Peixoto de Moura

Ficha Catalográfica

Fórum Ensicom: fontes e ações para o ensino de comunicação no Brasil - edição especial / Cláudia Peixoto de Moura, Fernando Ferreira de Almeida, Genio Nascimento e Robson Bastos da Silva (orgs). - São Paulo : Intercom, 2023.

Vários autores
e-book
ISBN: 978-85-8208-138-9

1. Comunicação. 2. Ensino superior. 3. Graduação. 4. Forma I. Moura, Cláudia Peixoto de. II. Almeida, Fernando Ferreira de. III. Nascimento, Genio. IV. Silva, Robson Bastos da. V. Título

CDD: 300

Comunicação & Educação: uma experiência em revista

Roseli Figaro

Adilson Citelli

Cláudia Nonato

EN

SI

NO

Comunicação & Educação: uma experiência em revista

Roseli Figaro

Adilson Citelli

Cláudia Nonato

Resumo

O texto detalha o percurso editorial da revista Comunicação & Educação, editada pelo Departamento de Comunicações e Artes (CCA), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, há quase 30 anos. Criada a partir de pressupostos de pensadores humanistas, como Paulo Freire, a revista traz em sua linha editorial um amplo leque de temas, pontos de vista, gêneros e discursos. A proposta da publicação é formar leitores críticos e ativos em um mundo que, segundo Baccega (1994), já nos chega editado. Ao longo desses anos, a revista tem contribuído para a ampliação do debate em torno das relações comunicação/educação e para a consolidação do conceito e das práticas educacionais. Trata-se de uma importante fonte de pesquisa, consulta, leitura para os interessados pela interface e seus derivados, principalmente no atual contexto da sociedade da comunicação ampliada, sobretudo marcada pela crescente digitalização.

Palavras-chave: revista Comunicação & Educação; comunicação e educação; ECA/USP; educomunicação.

Introdução

Os estudos na interface comunicação e educação vem sendo desenvolvidos por diferentes autores, estimulando pesquisas e buscando compreender modificações que ocorrem no tecido social, sobretudo em decorrência da importância e capilaridade dos dispositivos tecnológicos comunicacionais e seus impactos nos planos da educação formal, informal e não formal. A título de exemplo, bastaria lembrar as iniciativas do francês Célestin Freinet (1896-1966), um dos pioneiros a desenvolver o trabalho pedagógico com o jornal na escola ou dos brasileiros Roquette-Pinto (1884-1954) e Anísio Teixeira (1900-1971), impulsionadores do uso do rádio nos processos educativos, sobretudo no contributo que o veículo poderia oferecer para combater o analfabetismo que grassava no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Também há autores com importantes contribuições nos aspectos teóricos que tratam do processo educacional como um processo de comunicação, como se verifica em John Dewey, (1859-1952) e Paulo Freire (1921-1997). Esse, particularmente, tratou a educação no sentido das interações comunicacionais que devem ocorrer segundo trocas dialógicas e horizontais.

Tais pensadores humanistas colocaram o processo de ensino-aprendizagem no centro de suas preocupações, constituindo, no caso de Paulo Freire, um

ideário educacional político-pedagógico, emancipador e orientado pelo princípio da liberdade¹.

Em síntese, os pressupostos acima serviram como orientadores da criação da revista *Comunicação & Educação* e permanecem enquanto horizonte da sua linha editorial. A primeira edição circulou em setembro de 1994, teve como título de capa “Leitura crítica da comunicação”. A concepção, organização e direção do periódico foi da professora dra. Maria Aparecida Baccega, acadêmica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A linha editorial traçada fica esclarecida no texto de abertura, sob o título: “Do mundo editado à construção do mundo” (Baccega, 1994). Neste artigo, a autora afirma que a revista vem para reforçar pressupostos “sobre o campo comunicação/educação”. Esse enunciado coloca uma novidade para as ciências da comunicação, pois amplia a abordagem que trata do uso das mídias na educação, acrescentando a ideia de que existe um campo teórico de mediação e intersecção ao qual ela denominou de comunicação/educação.

Desse modo, mais do que o uso da mídia na escola, a linha editorial da *Comunicação & Educação*

1. Algumas das obras de Paulo Freire são: *Educação como prática de liberdade* (1967); *Pedagogia do oprimido* (1968); *Extensão ou comunicação?* (1969); *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1976); *Educação e mudança* (1979); *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (1981); *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (1992); *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000).

se propõe a ser um veículo para colaborar com a construção de um campo de estudos que vê nas linguagens da comunicação uma arena de discursos em disputa. Os meios de comunicação não são abordados no sentido de sua reprodução na escola, nem mesmo de sua negação. Mas o desafio é deslindar essas linguagens e se apropriar de forma renovadora de suas potencialidades. Afirma Baccega,

O mundo que nos é trazido, que conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que nos chega EDITADO, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de filtros até que “apareça” no rádio, na televisão, no jornal. (1994, p.7)

Ao campo da comunicação/educação cabe, no dizer de Baccega, desvendar esses processos editoriais e preparar o repertório das pessoas para atuarem nesse mundo “editado”, colocando-se como potenciais construtores do mundo.

A escolha editorial trouxe desafios para o periódico acadêmico, haja vista que potencializar os leitores como ‘editores do mundo’ implica em expandir o repertório de temas, gêneros e discursos que compõem o campo comunicação/educação. No intuito de cumprir tal objetivo, *Comunicação & Educação* nasceu com editorias formadas por Artigos nacionais e internacionais, através dos quais os leitores têm acesso a artigos científicos, ensaios e resultados de pesquisas;

editoria de Entrevista, ali se publica o diálogo que os editores da revista estabelecem com convidados: intelectuais, artistas, educadores, profissionais, para registrar as contribuições deles e delas à comunicação/educação. Outras editorias foram: Crítica (um produto cultural em análise); Depoimento (um profissional da comunicação contando sua trajetória); Experiências, na qual idealmente professores da rede de ensino público trariam os relatos das experiências com os meios de comunicação na sala de aula; Serviços e Boletim bibliográfico sobre comunicação/educação. Em edições posteriores do periódico, atentando para as observações da profa. dra. Renata Pallottini, poetisa, dramaturga e docente da ECA-USP, será acrescida a seção Poesia. Posteriormente, também aparece a seção Atividades em sala de aula. Essa foi a maneira de traduzir a linha editorial de Comunicação & Educação em um leque amplo de temas, pontos de vista, gêneros e discursos. Uma revista científica atenta ao que propõe para a formação de leitores críticos e ativos no mundo que nos chega editado.

Comunicação & Educação - um percurso de 30 anos

Em sua trajetória editorial que completará 30 anos em 2024, muitas mudanças e avanços estão registrados nas páginas da revista. São 69 edições, até dezembro de 2022. Por ela passaram, além da Professora Maria Aparecida Baccega, os diretores

editoriais Maria Cristina Castilho Costa, Adilson Citelli e Roseli Figaro. Na editoria executiva estiveram Januária Cristina, Roseli Figaro, Consuelo Ivo, Juliana Winkel e Cláudia Nonato. A comissão editorial responsável foi composta inicialmente por Maria Lourdes Motter, Marie Enice Mendonça, Solange Couceiro Lima, Virgílio Noya Pinto, Ismar de Oliveira Soares, Maria Immacolata V. Lopes, Adilson Citelli, Maria Cristina Castilho Costa. Atualmente, a comissão editorial é formada por Adilson Odair Citelli (USP), Gisela Castro (ESPM/SP), Iluska Coutinho (UFJF), Ismar de Oliveira Soares (USP), Maria Cristina Palma Mungioli (USP), Pablo Nabarrete Bastos (UFF), Roseli Fígaro (USP), Sonia Virginia Moreira (UERJ). Há um conjunto importante de nomes no conselho editorial nacional e no conselho editorial internacional. Todas as edições recebem artigos que são avaliados por pares sem identificação de autoria, é a denominada avaliação às cegas. Em cada edição há pareceristas voluntários que contribuem com a qualidade editorial da revista.

As contribuições dos leitores, as reflexões da comissão editorial e as mudanças nos periódicos científicos, com as métricas e a concorrência no ‘mercado da ciência’ fizeram Comunicação & Educação repensar suas editorias. Nos últimos anos, não publicamos mais as seções: Crítica, Depoimento, Serviços e Boletim bibliográfico. Esses temas foram incorporados na editoria Resenha.

Nesse longo período de existência, publicamos quase 300 autores, sendo 265 brasileiros e 35 internacionais, entre eles e elas, podemos destacar: Robert A. White, Willian E. Biernatzki, Guillermo Orozco-Gómez, Jesús Martín-Barbero, Valerio Fuenzalida, María Teresa Quiroz Velasco, Sarah Corona Berkin, David Buckingham e Sonia Livingstone. Na seção Entrevista temos nomes de diferentes áreas de atuação, como por exemplo, Mário Lago, José Wilker, Eva Wilma, Ruth de Souza, Cao Hamburger, Gianfrancesco Guarnieri, Luiz Alberto de Abreu, Nilton Travesso, Lauro César Muniz, a dupla Palavra Cantada, Fernando Faro, Carla Camurati, Ruy Guerra, Danilo Santos de Miranda, Elifas Andreato, Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco Gomes, Armand Mattelart, Renato Ortiz, David Buckingham e Maria Thereza Fraga Rocco. Na seção Poesia há artigos com comentários sobre as obras de: Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Renata Pallottini, Solano Trindade, Bertold Brecht, Augusto de Campos, Hilda Hilst, Cecília Meireles, Patativa do Assaré, Wali Salomão, entre outros. Existe, portanto, um fabuloso leque de contribuições para o estudo desse campo comunicação/educação. Profissionais de renome contaram sua experiência para os leitores, entre eles e elas estão: o jornalista Raimundo Rodrigues Pereira, a professora e pesquisadora Giselle Beiguelman, o professor e fotógrafo Boris Kossoy, a jornalista

e educadora Marina Rosenfeld, o artista plástico Francisco Brennand, o escritor Pedro Bandeira, o grupo musical Meninos do Morumbi, o Sarau do Binho, a repórter Neide Duarte e muitos outros. Essa extensa lista dá uma ideia do leque amplo de contribuições para a formação de um repertório crítico para o campo dos estudos da comunicação/educação. Muito mais do que tecnologia de forma instrumental, a revista permite ao leitor acessar um arquivo rico de ideias e insights para compor a sua própria leitura do mundo.

Indexação e métricas

A revista está indexada em: DOAJ, Latindex, OAJI entre outras bases e repositórios. Tem clara política de submissão e de publicação. No período 2017-2020, foi avaliada no Qualis CAPES como A4. Subscrive o protocolo de direitos autorais Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4, ou seja, permite o uso não comercial dos artigos, desde que seja citada sua fonte. Adere à Declaração sobre Avaliação de Pesquisa (DORA), que se constitui em protocolo de recomendações para melhorar as formas pelas quais os pesquisadores e os resultados da pesquisa acadêmica são avaliados, não se limitando às métricas de indexadores comerciais.

No final de fevereiro de 2023, *Comunicação & Educação* somava 103.682 mil acessos nos 13 meses anteriores. Alguns dos textos buscados são de: José Luiz

Braga - Para começar um projeto de pesquisa; José Manuel Morán - O vídeo na sala de aula; Lacy Barca - As múltiplas imagens do cientista no cinema; Adilson Odair Citelli et al - Educomunicação: referências para uma construção metodológica; Ismar de Oliveira Soares - Educomunicação: um campo de mediações; Martha Lucia Izquierdo Barrera - Dos paradigmas interculturais à ação educacional autogerida; Gabriel Kaplún - Material educativo: a experiência de aprendizado; entre outros.

As avaliações de periódicos científicos são polêmicas, haja vista o controle internacional da circulação científica por editoras que formam um verdadeiro monopólio de publicações. Tais indexadores hierarquizam os periódicos e em consequência os artigos, seus autores e instituições. É bom lembrar que o número de citações é o que qualifica um artigo e a revista em que foi publicado. Tomemos como exemplo a mais ampla e acessível ferramenta de indexação: o google acadêmico. Por meio desse instrumento, pode-se hierarquizar um periódico pelo índice h e pelo índice h5. Isto é, o índice h indica o maior número de h vezes em que um artigo foi citado, e o “índice h5 é o indexador h dos artigos publicados nos últimos cinco anos passados. Trata-se do maior número h de uma publicação, em que h artigos publicados de 2017 a 2021 tenham sido citados no mínimo h vezes cada.”². Ou seja, um periódico não é avaliado pelo

2. Informações do Google Scholar. Disponível em: <scholar.google.com/citations?use=QnA8FrMAAAAJ&hl=pt-BR&user=QnA8FrMAAAAJ>. Acesso em: 19 mar 2023.

índice que mostra o número de acessos totais aos seus artigos e nem pelo número de vezes em que os diferentes artigos são citados, e sim pelo índice h de vezes que um ou mais artigos conseguem maior número de citações; pela mediana das citações de artigos no período. Nesse sentido, um único artigo, muito citado, pode elevar o índice de avaliação de uma revista.

Quadro 1 - Citações por ano 2002-02/2023 da revista *Comunicação & Educação*



Fonte: Google Acadêmico, 2023.

No Quadro 1 temos o demonstrativo do crescimento das citações da revista entre 2002 e fevereiro de 2023. Destaca-se que o período contempla a própria ascensão do Google e suas ferramentas de metrificação. Portanto, não há nos primeiros anos do século XXI dados recuperados pela ferramenta.

Quadro 2 - Número de citações gerais dos artigos da revista



Fonte: Google acadêmico 2023.

No Quadro 2, a revista Comunicação & Educação aparece com 17.823 citações; e nos últimos cinco anos com 6.851 citações. Dessa forma, mesmo a revista tendo um índice h 27 nos últimos cinco anos, não é a totalidade dessas citações que qualifica a revista e sim a mediana do ou dos artigos mais citados no período, conforme mostra o Quadro 3.

Quadro 3 - Índice h5 dos artigos mais citados em
Comunicação & Educação



← Comunicação & Educação

Índice h5 5 Médiana h5 7

Título / Autor	Citado por	Ano
Educomunicação: referências para uma construção metodológica AD Citelli, I de Oliveira Soares, MY de Lopes Comunicação & Educação 24 (2): 12-25	25	2019
Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil I de Oliveira Soares Comunicação & Educação 23 (1): 7-24	12	2018
A educcomunicação na batalha contra as fake news MCC Costa, V Romarini Comunicação & Educação 24 (2): 66-77	2	2019
O corpo brincante, o brinquedo corpo que fala: desenhos animados, comunicação e imaginário no desenvolvimento infantil C Penazzo, I dos Santos Pereira Comunicação & Educação 25 (1): 7-17	5	2020
Entre o WhatsApp e a praça da "família": relato de uma experiência teórico-metodológica AN de Oliveira, A Barbalho Comunicação & Educação 22 (2): 85-94	5	2017

As contagens de dados e citações são aproximadas e são determinadas automaticamente por um programa de computador.

Fonte: Google Acadêmico, mar.2023.

Essa métrica é perversa porque pode incentivar editores a buscar autores de maior renome para publicar em seus periódicos. Há uma indução à segregação de novos autores e temas fora da pauta de maior incentivo por inúmeros mecanismos, seja financeiro ou de interesse de um setor. Revela-se, portanto, a necessidade de buscar alternativas para a qualificação dos periódicos científicos, particularmente, se houver interesse em produção e circulação científica com soberania.

As contribuições de Comunicação & Educação para a Educomunicação

Comunicação & Educação vem produzindo repercussões importantes em seu âmbito de trabalho, sendo o de maior evidência a criação da licenciatura em Educomunicação, que passou a funcionar em 2011 junto ao Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Ao longo dos quase 30 anos de existência, foram disponibilizados pela revista centenas de artigos afeitos à interface comunicação/educação, e, em período mais recente, vinculados de maneira direta à Educomunicação, aqui compreendendo questões teóricas, metodológicas, de pesquisa, etc. Neste vetor, a revista funcionou como uma espécie de centro gerador e de amadurecimento de ideias que ajudou a sustentar o corpo argumentativo necessário para mostrar à Universidade de São Paulo a factibilidade e o sentido da referida licenciatura em Educomunicação.

A releitura do material publicado pela *Comunicação & Educação* ao longo do tempo permite identificar linhas de força que não apenas promoveram, como vêm ajudando a consolidar o debate em torno do conceito e das práticas educacionais. Levantaremos, a seguir, referências a partir das quais é possível vislumbrar um programa mínimo para a ampliação do debate acerca das relações comunicação/educação e que, de alguma forma, circularam pelos textos da revista:

1) Ajuste de projeto. Assim como predicaram Anísio Teixeira e Roquette-Pinto³ (1900-1971), é preciso contemplar uma visão ampla de como e por que integrar a comunicação mediada – os sistemas e processos que, hoje, incluem televisão, rádio, jornal, internet, etc. – ao ambiente educativo. Cabe indagar, portanto, se temos um projeto abrangente que pressupõe a necessidade de situar as questões comunicacionais em vínculos com a formação dos cidadãos, remetido o enunciado, para o que interessa no momento, ao terreno da educação formal, informal e não formal. Entender o que são os meios e como funcionam – que fins alcançam ou podem alcançar –, significa, no entendimento do nosso periódico, um desafio fundamental para se verificar as nuances organizativas da vida associada em nosso tempo. A comunicação ganhou dimensão estratégica em um mundo cada vez mais interconectado e dependente das redes digitais, dos trânsitos de informações, dos conhecimentos compartilhados. Frente a quadro de tal magnitude, não basta reiterar a necessidade de levar o debate da comunicação à escola ou mesmo fazer uso das potencialidades dos meios para ampliar as atividades educativas, sendo forçoso perguntar como tudo isto ganha articulação tendo em vista a sociedade que se deseja construir.

2) Sujeito na história. Desde que Walter Benjamin (1892-1940) enunciou em seus escritos parisienses

3. Anísio Spínola Teixeira (1900-1971). Foi um dos principais educadores brasileiros, mentor do movimento Escola Nova. Recebeu influências de John Dewey e da chamada educação progressiva. Escreveu um dos primeiros textos sobre as relações do rádio com a educação: Rádio Educação; Edgard Roquette-Pinto (1884-1954). Médico, pesquisador, cientista, educador, polígrafo. Fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio MEC. Produziu vários textos acerca do papel do rádio como instância educadora.

(2022) que a modernidade estava constituindo novos sensórios, tal ideia vem ganhando aberturas. Aqui se incluem temas afeitos às novas sociabilidades, sensibilidades, modos de ver, perceber, indicando distintas rotas para as relações ensino-aprendizagem. Ainda que não esteja em nosso escopo indagar sobre as dimensões ontológicas do ser, cabe asseverar que existem outras maneiras de os sujeitos verem e se verem frente à história. Se há maior ou menor racionalidade e mesmo compreensão política do que está em jogo na relação entre o sujeito e as circunstâncias do mundo e mesmo nos vínculos entre os próprios sujeitos, é matéria que deve merecer outro espaço de reflexão. O aspecto tangível reside no fato de que os vários temas elencados pela alta modernidade (supramodernidade para uns, pós-modernidade para outros) indicam a presença de quadros referenciais que forçam os limites demais restritos de certos parâmetros filosóficos, políticos, científicos. Os novos configuradores cronotópicos, as migrações entre o real e virtual, os imperativos tecnológicos, indicam, enfim, a existência de desafios em permanente reatualização, alguns deles com presença garantida em boa parte dos debates intelectuais, das matérias na imprensa, das temáticas fílmicas e literárias: basta verificar o conjunto de palavras-chave presentes em *papers* produzidos na área das Ciências Sociais Aplicadas para se aclarar a nossa assertiva. Ali estão: redes sociais, digitalização, imaterialidade, o abrangente prefixo pós que se associa a diferentes complementos (humano, político, histórico, etc.). Em tal roteiro, os temas afeitos à comunicação ganham destaque. E a educação como lugar (ou não lugar) institucional das formalizações e, eventualmente, da produção de

saberes e conhecimentos é seguidamente avocada. Percebe-se, nesse contexto, o caráter imperativo da indagação sobre os novos modos de ser e estar no mundo, movimento que aciona, imediatamente, um conjunto de preocupações atinentes à interface comunicação/educação (por exemplo: jovens/mídia/escola; televisão/criança/valores morais; internet/leitura; redes sociais/comunidades de conhecimento). Reside, aqui, um dos motivos pelos quais foram ativados estudos, pesquisas e mecanismos de intervenção social que vinculam os dois campos e cuja tradução recebe o nome de mídia-educação; *media literacy*; *comunicación y educación*; comunicação educativa, ou, simplesmente, conquanto em diapasão um pouco distinto de alguns dos designativos anteriores, educomunicação.

3) Políticas de comunicação e educação. Construir programas e projetos em comunicação e educação ou educomunicação implica refletir acerca das políticas mais gerais que regem tanto o âmbito da comunicação como o da educação. Vivemos em país com sofisticado aparato midiático, cujo escopo legal continua aguardando um debate qualificado acerca dos marcos regulatórios envolvendo internet, propriedade de veículos de comunicação, etc. As pressões e conveniências da chamada indústria cultural, muitas delas abrigadas sob um difuso manto sagrado que tremularia ao simples lembrete de que as mídias devem atender a propósitos sociais, e não apenas aos determinativos das empresas de comunicação, configuram um quadro à espera de mudanças. Nesse cenário, não é suficiente apenas reiterar que os veículos de comunicação precisam estar na sala de aula. Trata-se de indagar de modo mais decisivo sobre um sistema que, ao ser

legitimado pela escola, nela irá se legitimar. Logo, a constatação rasa de que a televisão, o rádio, a internet necessitam fazer parte da paisagem das salas de aula, afora ser óbvia, até mesmo porque tais dispositivos já estão completamente integrados à vida dos discentes e docentes, traz consigo a ingenuidade dos crentes que confiam a salvação da alma ao pastor espertalhão. Ao precedente requisito acerca da entrada das mídias na escola há que se vincular, sobre elas, perguntas do tipo: o que são, o que fazem, como se estruturam. Além de indagações envolvendo as estratégias comerciais da indústria de hardware e software que localizam nas salas de aula um gigantesco mercado, ademais em constante demanda, pois, como sabemos, a alma do negócio envolvendo os equipamentos, sobretudo na área da informática, é a obsolescência programada.

Por sua vez, o sistema no qual a educação formal encontra-se imersa registra singularidades e particularidades às quais o educador necessita estar atento. O Brasil tem uma gigantesca rede de ensino pública e privada, com os seus aproximados 46 milhões de discentes do ensino básico, 7 milhões no nível superior, 200 mil na pós-graduação, mais de 2 milhões de docentes. Tais indicadores servem para atestar a existência de uma instituição quantitativamente significativa, diversificada e de larga capilaridade no país. É desnecessário lembrar as mazelas aí existentes, que vão da crescente proletarização do professor às deficiências formativas dos discentes, muitos deles concluindo os ciclos iniciais do ensino fundamental sem domínio das quatro operações, sequer prontidão para redigir um parágrafo coeso e coerente. Os especialistas em educação aduzem uma série de

argumentos para mostrar as distonias qualitativas da escola, que incluem desde gastos insuficientes, da ordem de 6% do PIB, passando por motivos didáticos e pedagógicos (a escola continuaria transmissivista, ocupada apenas em oferecer informações e conteúdos, bancária, retomando a metáfora de Paulo Freire, em suas práticas, em desacordo com requisitos da sociedade contemporânea). Enfim, os diagnósticos estão à disposição de quem deseja conhecer mais a fundo o sistema formal de educação no país. Para os nossos interesses momentâneos, basta acrescentar que incluir, no contexto escolar, os estudos e as práticas vinculadas à comunicação, implica, também, rever os próprios conceitos que circundam os processos educativos. Assim como não faz muito sentido pensar a comunicação à luz das teorias hipodérmicas, da reafirmação das práticas nem sempre comprometidas com os interesses da cidadania, com o regime de capitânicas hereditárias que circundam o universo empresarial das mídias, igualmente não existe razão para se promover continuidade de perspectivas educacionais orientadas no diapasão instrucional, que opera o conhecimento nos limites da regulação. Ou seja, ter em mira os referenciais que servem para formular as políticas de comunicação e educação é requisito posto no centro do projeto editorial da nossa revista, e, em grande monta, reiterado no conjunto de artigos que publicamos.

4) Lugar das tecnologias. É dispensável ampliar observações sobre o significado das tecnologias na vida de todos nós, motivo pelo qual seria estranho imaginar que fossem elas “um outro” com relação à escola. Até porque docentes e discentes já convivem e mobilizam, em seus cotidianos, várias tecnologias

da informação e da comunicação, bastando lembrar os casos do celular ao computador. Ademais, existem pressões vindas dos mais diversos setores da sociedade no sentido de que os ambientes educativos coloquem em movimento programas de trabalho mais ajustados aos desígnios destes tempos circundados por dispositivos técnicos. O problema central não é, portanto, o de estreitar vínculos entre dinâmicas comunicativo-tecnológicas e as salas de aula, mas fazê-lo sob uma égide não instrumental – aquela que ao se encantar com as máquinas perde a dimensão dos significados sociais, culturais e históricos nelas embutidos. Para tanto, a entrada na escola, por exemplo, do computador, pede integração, ao mesmo tempo, a projetos pedagógicos consistentes e a um tratamento desreificado dos próprios equipamentos, suportes, dispositivos a serem postos à disposição dos discentes. O lugar das tecnologias na escola – e mesmo para o chamado ensino a distância – deve ser aquele voltado aos interesses de uma educação anteriormente definida como emancipadora, capaz de facultar autonomia de pesquisa e, sobretudo, reconhecimento do sujeito no mundo.

5) Entendimento da educação para o futuro. Está fora dos nossos propósitos, no momento, especular acerca do que pode ser a educação para o futuro⁴. Cabe, contudo, registrar entre os desafios envolvendo os vínculos comunicação/educação, um tópico que aponte determinada

4. Edgar Morin dedicou-se a escrever acerca destas dimensões prospectivas da educação, incluindo-a no interior da chamada Teoria da Complexidade. Entre os seus vários títulos dirigidos ao assunto, ver: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000; *Religando os saberes. Educação para a era planetária*. São Paulo: Cortez, 2003.

dimensão do problema. Referimo-nos ao que vem sendo chamado de educação para os meios de comunicação, assunto largamente tratado na revista *Comunicação & Educação*. Em contexto no qual a comunicação manifesta dimensão estratégica, lugar de centralidade, tudo passa por ela. Incluem-se, aqui, desde os planos afetivos (a internet, por exemplo, se tornou fonte para encontros amorosos, namoros, casamentos), as trocas de informações, a construção de redes sociais, a eleição de candidatos, as crises financeiras, a localização do carro nos labirintos da cidade, etc. Esse universo, ou ao menos parte dele, diz respeito às novas maneiras como nos relacionamos com a experiência humana em determinada fase da sua história. Trata-se, portanto, mais do que apenas constatar o fato de as tecnologias existirem e poderem ser acionadas por usuários. Entender como se elabora o compósito entre dispositivos e sentidos por eles e neles construídos é matéria decisiva para que os sujeitos conheçam e se reconheçam no interior de um mundo cifrado pela complexidade. Daí decorre a afirmativa segundo a qual um dos objetivos da Educomunicação, da Comunicação/Educação, é ativar procedimentos voltados à educação para os meios. Neste caso, falamos não apenas de leitura crítica da comunicação, mas de um âmbito reflexivo mais abrangente, de sorte a nele incluir tópicos, itens, subitens que, de alguma maneira, facultem à escola animar programas de trabalho que franqueiem aos jovens acesso menos ingênuo ao mundo da comunicação. Entre tais tópicos, o inglês David Buckingham (1993;2003) especifica: linguagem, público, instituição e representação. Cada um deles, e as suas relações internas, facultam observar de maneira mais detida como a comunicação –

enquanto fenômeno estratégico – elabora vínculos e impacta nos andamentos da vida associada. Estar apto para apreender este processo é uma variável extremamente relevante quando se busca educar para o futuro.

6) Dimensões discursivas. Há um elemento fundamental compondo os processos comunicativos: as linguagens. O potencial oferecido pelos distintos dispositivos que fazem parte dos sistemas comunicacionais trouxe consigo a possibilidade tanto de cruzamento dos signos e códigos diferentes como de elaborar mensagens diversificadas. Os discursos verbais e não verbais, as hipertextualidades, as estratégias de interconectividade, para ficarmos nalguns marcadores, permitem à representação/construção de valores, conceitos e ideias circular pelos vários suportes de comunicação, às vezes de maneira inusitada, mas o que resulta em aberturas para novas formas de ler, compreender, sentir, perceber, produzir. Este caráter multidimensional dos discursos pode estar assentado no telefone celular, na televisão, no computador ou na convergência entre eles, descortinando uma realidade alvissareira para o mundo da educação. Certamente, não se está diminuindo a importância e o significado dos discursos verbais quando o assunto diz respeito a determinadas funções concernentes à escola, mas se intenta evidenciar um quadro plural dinamizador dos discursos. Parece claro que as textualidades colocadas em andamento pelos veículos de comunicação buscam realizar uma série de objetivos. Dentre eles, encontramos informação, sedução, encantamento, persuasão, convencimento, realidade editorada, etc. Ou seja, a tela do cinema e da televisão, a página do jornal, o

programa de rádio, o visor do celular, constituem mecanismos discursivos e estratégias de linguagem cujas dinâmicas merecem reconhecimento sistemático dos processos de ensino-aprendizagem que ocorrem nos espaços educativos formais. Preferimos não restringir o problema em pauta ao conceito de alfabetização midiática (Meyrowitz, 2001), conquanto seja possível englobá-lo no permanente desafio para se apreender as múltiplas dimensões discursivas postas em movimento pela comunicação contemporânea. O desiderato, aqui, não diz respeito apenas à alfabetização (termo cuja propriedade requisitaria melhor esclarecimento no presente contexto) midiática, mas ao entendimento de que falamos de um mundo no qual ocorre ampla redefinição do sensório, das vivências culturais, das aprendizagens, das habilidades para se trabalhar com os novos sistemas de codificação. E, para isso, um projeto que vincule o debate sobre circulação discursiva à interface comunicação/educação pode trazer importante contributo às dinâmicas educativas.

7) Formação docente. Um dos problemas que emergem nos textos da revista *Comunicação & Educação* é o da maneira como os professores estão sendo preparados, ou já se prepararam, para o exercício do magistério, tendo em vista as demandas sociais resultantes da crescente presença das linguagens complexas, videotecnológicas e dos modos diferenciados de organizar e disponibilizar o conhecimento e a informação. Já não se trata mais de reiterar processos formativos ancorados na razão instrumental, no reprodutivismo bacharelesco, no conteudismo mnemônico, mas de afirmar a perspectiva continuada da aprendizagem. Vale

dizer, está em jogo avivar os sistemas e processos que interconectem o conhecimento, fugindo daquilo que Neil Postman (2002) chamou de educação paroquial, aquela limitada aos recortes de fundo tecnocrático – seja ele mais ou menos proficiente.

Os professores deixarão de ser doadores de informações entrando no território dos facilitadores do aprendizado, passando a conviver de maneira cada vez mais ampla e generalizada com as tecnologias da informação e da comunicação. Tal consciência existe e a maioria dos docentes em serviço espera, hoje, programas de formação continuada que os auxiliem a acertar o passo dialógico com as demandas diferenciadas dos alunos, quase sempre vindas das áreas da imagem, da informática ou, genericamente, dos meios de comunicação. Os requisitos para a formação continuada e os evidentes apelos dirigidos à diversificação das estratégias tradicionais dos cursos de licenciatura não se revelam apenas nos quadros positivos das pesquisas que temos realizado, mas se apresentam nos crescentes pedidos por atividades que facultem aos professores o acesso às novas linguagens da comunicação. Talvez decorra dessa dinâmica o fato de estarem entrando em funcionamento, nas instituições brasileiras de ensino superior, cursos de bacharelado e licenciatura em Educomunicação, a exemplo, respectivamente, da Universidade Federal de Campina Grande e da Escola de Comunicações e Artes da USP.

Considerações finais

A revista *Comunicação & Educação* completará, em 2024, três décadas de existência, com edições praticamente ininterruptas, em momentos iniciais com três números ao ano, e, agora, dois, em versão digital. Trata-se de um feito com poucos assemelhados em nossa área de conhecimento. Ademais, o impacto e reconhecimento acadêmico do periódico tornam as suas centenas de artigos e demais matérias disponibilizados ao público, uma fonte quase obrigatória de pesquisa, consulta, leitura, dos interessados na interface comunicação/educação, educomunicação, literacias, *media literacy*, educomídia, pedagogia da comunicação, e tantos outros designativos que referenciam um âmbito de trabalho demandante no contexto da sociedade da comunicação ampliada, sobretudo aquela marcada pela crescente digitalização.

O contexto que acompanha tal cenário sociotécnico, em seus vínculos com a educação formal, informal e não formal, vem mobilizando esforços e preocupações que atravessam desde instâncias internacionais como a Unesco, passando por secretarias de educação estaduais e municipais, Ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia, organizações não governamentais, sociedade civil, para não alongarmos a lista. *Comunicação & Educação* é parte deste conjunto de forças e funciona como espaço privilegiado para abrigar e dar sequência aos diálogos, debates,

instigações suscitados no campo para o qual se volta prioritariamente, conforme esclarecido em páginas anteriores, quando foram expostos desde os dados quantitativos da revista, alcances de sua circulação, até os propósitos editoriais, objetivos, justificativas programáticas, e mesmo uma síntese das linhas de força que marcam o enorme conjunto de artigos nela abrigados.

É imperioso considerar que, até pelos seus quase 30 anos de existência, a revista acumula, no conjunto dos textos disponibilizados à sociedade, uma espécie de testemunho diacrônico dos grandes temas que perpassam os estudos, problemas e pesquisas situados no âmbito da comunicação, da educação, da comunicação/educação. Daí encontrarmos em seu acervo materiais referentes à leitura crítica da comunicação (nos inícios do periódico, centrados nos meios analógicos), à indústria cultural e suas formas reguladoras de educação, até as instigações mais recentes advindas, por exemplo, das implicações dos *chatbots* nas salas de aula, da difusão das *fake news* (e as propostas para combatê-las), dos reptos localizados nos vínculos educação-democracia-regulação das redes sociais. Enfim, registra-se nas 69 edições da *Comunicação & Educação* uma espécie de história de um campo de conhecimento cuja importância social, política e cultural está em permanente crescimento.

Referências

BACCEGA, M. A. Do mundo editado à construção do mundo. **Comunicação & Educação**. São Paulo, (1), 7-14, set. 1994. Disponível em: <revistas.usp.br/comueduc/article/view/36194/38914>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BENJAMIN, W. **Paris, a capital do século XIX e outros escritos sobre cidades**. Porto Alegre: L&PM, 2022.

BUCKINGHAM, D. **Children talking television**. The Making of television Literacy. Londres: The Falmer Press, 1993.

BUCKINGHAM, D. **Media Education: Literacy, Learning, and Contemporary Culture**. Cambridge: Polity Press, 2003.

CITELLI, Adilson. Comunicação & Educação: 20 anos. Uma trajetória para consolidar o campo da Educomunicação no Brasil. **Comunicação & Educação**. São Paulo, 19(1), 15-29, jan./jun., 2014. Disponível em: <revistas.usp.br/comueduc/article/view/78551>.

COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO, ano 1 - 1994, ano 29 - 2023. São Paulo: ECA-USP. Disponível em: <revistas.usp.br/comueduc>.

MEYROWITZ, Joshua. As múltiplas alfabetizações mediáticas. **Revista Famecos**, 8(15), 88-100, ago. 2001. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3125>.

POSTMAN, Neil. **O fim da educação**. Redefinindo o valor da escola. São Paulo: Graphia, 2002.